

A perseguição abre caminho à missão

Ao lermos o mandato missionário no final dos evangelhos sinópticos (*Mt* 28, 16-20, *Mc* 16, 19-20, *Lc* 24, 50-53) e o episódio do Pentecostes no livro dos *Actos dos Apóstolos* (*Act* 2, 1-13), podemos ficar com a ideia de que os discípulos, após a Assunção de Jesus, se lançaram imediatamente e sem hesitação na aventura da missão universal. Ora, uma leitura cuidada dos *Actos dos Apóstolos* mostra que o início da missão a todos os povos, após a Ressurreição, foi mais demorado e menos espontâneo do que podemos crer.

Efectivamente, a missão “fora de portas” só aconteceu na sequência da perseguição que seguiu o martírio de Santo Estevão (*Act* 8, 54-60), que pode ser considerado o ponto de viragem ou o “empurrão divino” que ela precisava. Nesse dia, conta o livro dos *Actos*, “desencadeou-se uma grande perseguição contra a Igreja que estava em Jerusalém e todos se dispersaram pelas regiões da Judeia e da Samaria, à excepção dos apóstolos” (*Act* 8, 1b). Assim, foi a perseguição que, tal como um forte vento, espalhou a semente da Palavra, que até aí, tinha estado agarrada à árvore. Foi a perseguição a impelir a missão para novos campos, como acontecerá outras vezes nos *Actos*.

O texto explica o que aconteceu: “Entretanto, aqueles que se tinham dispersado andaram de terra em terra, anunciando a palavra do Evangelho” (*Act* 8, 4). Intui-se que seriam, em grande parte, leigos. O que fazem é admirável: apesar de se encontrarem em fuga, para preservarem as suas vidas, não se acanham, não calam a sua fé no Senhor Jesus e tornam-n’O conhecido.

Durante a fuga, entra em cena o diácono Filipe, que leva o Evangelho à Samaria – uma terra “es-



Martírio de Santo Estevão.

trangeira”, habitada por meios-judeus, considerados heréticos – e o anuncia ao eunuco etíope, através do qual, o Evangelho chega simbolicamente a África. Depois da história da conversão de São Paulo, o perseguidor (*Act* 9, 1-18), e o início do seu ministério (*Act* 9, 19-30), acontece outra conversão simbólica, a da família do centurião Cornélio, residente em Cesareia, por mão do Apóstolo Pedro (*Act* 10, 1-48). Trata-se de uma família romana, pagã e Pedro tem de justificar o seu comportamento diante da comunidade de Jerusalém (*Act* 11, 1-17), que perante a sua descrição, acaba por aceitar a abertura da comunidade: “Ao ouvir isto, acalmaram-se e começaram a glorificar a Deus, dizendo: «Então, Deus também concedeu aos pagãos a conversão que conduz à vida»” (*Act* 11, 18).

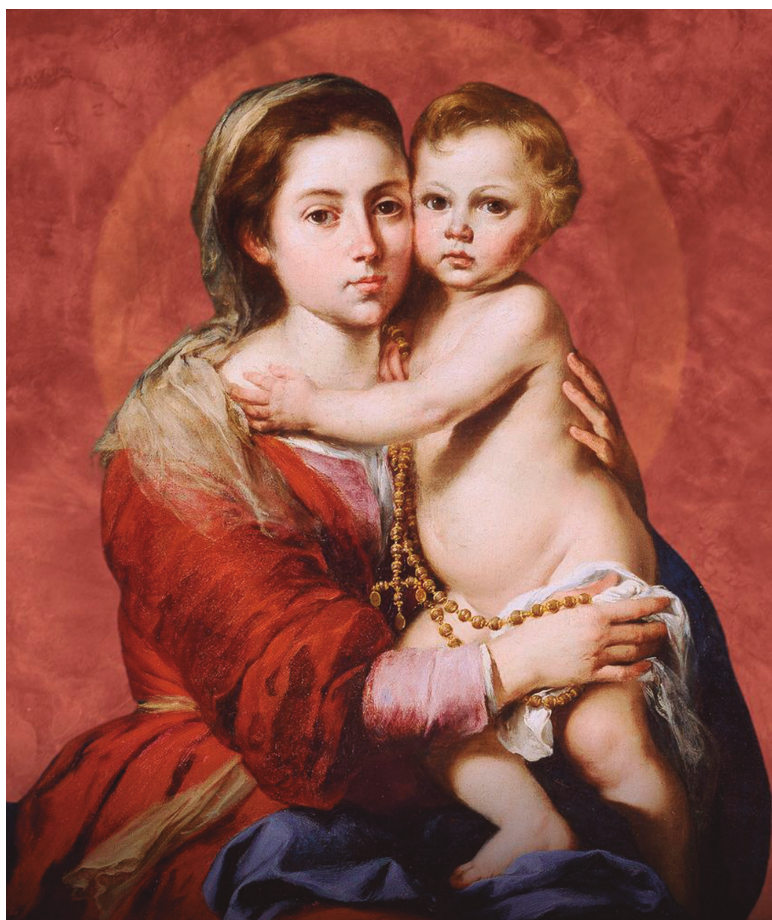
Depois disto, São Lucas retoma a narrativa da expansão do Evangelho que tinha, de algum modo, interrompido em *Act* 8, 1b, três capítulos antes, para dizer: “Os que se tinham dispersado, em consequência da tribulação desencadea-

da pelo caso de Estevão, andaram de terra em terra até chegarem à Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a palavra a mais ninguém senão aos judeus. Alguns deles, porém, eram homens de Chipre e de Cirene que, depois de chegarem a Antioquia, começaram a falar também aos helenistas, anunciando o evangelho, que é o Senhor Jesus. A mão do Senhor estava com eles, e um grande número abraçou a fé e converteu-se ao Senhor” (*Act* 11, 19-21).

Trata-se da descrição de como o Evangelho chega, de facto, a terras pagãs e entra numa nova cultura, a helenista, com a fundação da comunidade de Antioquia, a terceira cidade do Império Romano, na Ásia Menor, pela mão de leigos, de língua grega, cipriotas e cireneus.

A comunidade-mãe de Jerusalém, agora com uma nova sensibilidade missionária, envia Barnabé a Antioquia (*Act* 11, 22), com a preocupação de reforçar a comunhão com aquela recém-fundada comunidade (a mesma preocupação que já tinha sido sublinhada em 8,14 aquando da evangelização da Samaria, em que envia Pedro e João). Logo depois, Lucas usa pela primeira vez, o termo Igreja para designar uma comunidade fora da Palestina composta por cristãos provenientes do judaísmo e da gentilidade e foi lá “que, pela primeira vez, os discípulos começaram a ser apelidados de cristãos” (*Act* 11, 26).

O relato lucano dos *Actos* continua com a prisão de Pedro e a entrada em cena de Paulo, que leva o Evangelho “até aos confins do mundo”, representados por Roma, a capital do Império, de acordo com o esquema lucano (*Act* 1, 8). Porém, não restam dúvidas de que a perseguição é o momento decisivo que leva à abertura da comunidade e à sua internacionalização. ✦



A meditação do Rosário

No Rosário, não tentamos ter pensamentos sobre Deus. Em vez disso, saboreamos as palavras do anjo dirigidas a cada um de nós: “O Senhor é convosco.” Repetimos incessantemente estas mesmas palavras, com a exuberância vital e inesgotável dos filhos de Deus, que se alegram com a Boa Nova.

Quando me pediram para falar sobre o Rosário, devo confessar que tive um momento de pânico. Nunca tinha lido nada sobre o Rosário, nunca tinha refletido sobre ele na minha vida. Para mim, o Rosário é apenas algo que faço sem pensar, como respirar. A respiração é muito importante para mim. Respiro a toda a hora, sempre, mas nunca fiz um sermão sobre a respiração. Rezar o Terço, como respirar, é muito simples. O que é que se pode dizer sobre isso?

A simplicidade. Pode parecer curioso que uma oração tão simples como o Rosário esteja particularmente associada aos Dominicanos. Os Dominicanos raramente são vistos como pessoas simples. Temos a reputação de escrever longas e complexas obras de teologia. No entanto, lutámos para que o Rosário continuasse a ser nosso. O Capítulo Geral de 1574 exortou os confrades a pregarem sobre o Rosário. É o nosso “património sagrado”. Há uma longa tradição

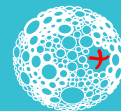
iconográfica de Nossa Senhora a entregar o Terço a São Domingos. A certa altura, outras Ordens Religiosas ficaram invejosas e começaram a encomendar imagens de Nossa Senhora a entregar o Terço a outros santos: a São Francisco e até a Santo Inácio. Nós resistimos e, no século XVII, penso eu, conseguimos convencer o Papa a pôr fim à disputa. Desde então, só é permitido representar Nossa Senhora a entregar o terço a S. Domingos.

Mas porque é que esta oração tão simples é tão cara aos Dominicanos? Talvez porque no coração da nossa tradição teológica permanece um desejo de simplicidade. São Tomás de Aquino disse que **não podemos compreender Deus porque Deus é essencialmente simples**. A Sua simplicidade ultrapassa todas as nossas concepções. Estudamos, confrontamo-nos com problemas teológicos, pomos à prova a nossa mente, para nos aproximarmos do mistério daquele que é a simplicidade total. É preciso ir além da complexidade

para chegar à simplicidade.

Há uma falsa simplicidade de que temos de nos livrar. É a simplicidade dos que têm sempre respostas fáceis para tudo, que sabem tudo de antemão. Ou são demasiado preguiçosos ou incapazes de pensar. E é aí que reside a verdadeira simplicidade, a simplicidade do coração, a simplicidade dos olhares claros, a que só podemos chegar lentamente, com a graça de Deus. **O Rosário é simples, muito simples. Mas é uma simplicidade sábia e profunda, à qual aspiramos e na qual encontramos paz.**

Diz-se que São João Evangelista, quando ficou velho, tornou-se totalmente simples. Gostava de brincar com uma pomba e tudo o que dizia aos que o iam ver era: “Amai-vos uns aos outros.” Nem tu nem eu ficaríamos satisfeitos com esta resposta. Ninguém acreditaria em nós. Só alguém como São João, que escreveu o mais rico e complexo dos Evangelhos, pode chegar à verdadeira simplicidade da sabedoria e não dizer mais do



que: “Amái-vos uns aos outros.” Do mesmo modo, só um São Tomás de Aquino, depois de ter escrito a sua grande *Summa Theologica*, pode dizer que tudo o que escreveu é “como palha”. Sim, o Rosário é muito simples. Talvez seja um convite a descobrir essa simplicidade profunda da verdadeira sabedoria. Dizia-se do Padre Lagrange, um dos fundadores dos estudos bíblicos modernos, que ele fazia três coisas todos os dias: estudar a Bíblia, ler o jornal e rezar o Terço. (...)

O anjo pregador. A “Ave Maria” começa com as palavras do Anjo Gabriel: “Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.” Os anjos são pregadores profissionais. É o seu próprio ser que anuncia a Boa Nova. As palavras de Gabriel são um sermão perfeito. E breve. Ele proclama a essência de toda a pregação: “O Senhor é convosco”. É aí que se encontra o coração da nossa vocação, dizemos uns aos outros: “Salve, Daniel, salve, Eric, o Senhor está contigo.” (...)

Há ainda um outro aspecto, em que a “Ave Maria” é uma espécie de homilia. Uma homilia não nos fala apenas de Deus. Ela nasce da Palavra que Deus nos dirige. A pregação não é apenas a narração de factos ligados a Deus. Ela dá-nos a Palavra de Deus, uma Palavra que rompe o silêncio entre Deus e nós.

As palavras iniciais da oração são palavras que o anjo dirige a Maria: “Ave Maria, cheia de graça.” O princípio de tudo é a Palavra que escutamos. São João escreveu: “É nisto que consiste o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele que nos amou e nos enviou o Seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados” (1 Jo 4, 10). De facto, no tempo de São Domingos, a Ave Maria era composta apenas pelas palavras do anjo e de Isabel. A nossa oração era feita de palavras que nos tinham sido dadas. Só mais tarde, após o Concílio de Trento, é que foram acrescentadas as nossas palavras a Maria.

Muitas vezes, pensamos na oração como um esforço para falar com Deus. A oração parece

uma luta para chegar a um Deus distante. Esta simples oração recorda-nos que não é assim. Não somos nós que quebramos o silêncio. Quando falamos, estamos a responder às palavras recebidas. Entramos numa conversa que não foi iniciada por nós. O anjo proclama a Palavra de Deus. E isso cria um espaço no qual podemos falar por nossa vez: “Santa Maria, Mãe de Deus.”

“**O Rosário é simples, muito simples. Mas é uma simplicidade sábia e profunda, à qual aspiramos e na qual encontramos paz.**”

Com frequência, sofremos com o silêncio. Há o silêncio do céu, o qual, por vezes, nos parece estar fechado. Há o silêncio que parece separar-nos uns dos outros. Mas a Palavra de Deus chega até nós através de uma boa pregação e derruba essas barreiras. Somos libertados do nosso silêncio, capazes de acolher de novo a Palavra. As palavras chegam, as palavras destinadas a Deus e as palavras que dirigimos uns aos outros.

Talvez possamos ir mais longe. As nossas próprias palavras são a ressonância, o prolongamento da Palavra que nos é dirigida. Nas nossas orações é Deus que reza, abençoa, glorifica em nós. Como escreveu São Paulo, quando clamamos “Abbá, ó Pai”, “é o próprio Espírito



Nossa Senhora dá o Rosário a São Domingos, na presença de Santa Catarina de Sena.

que, juntamente com o nosso espírito, dá testemunho de que somos filhos de Deus” (Rom 8, 16). A saudação do anjo e de Isabel a Maria é continuada nas palavras que lhe dirigimos, fazendo a segunda parte da oração eco da primeira. O anjo disse: “Ave Maria, cheia de graça” e, nos nossos lábios, isso torna-se a mesma saudação: “Santa Maria”. Isabel disse: “Bendito é o fruto do teu ventre”, e nós dizemos: “Mãe de Deus”. Somos alcançados pela Palavra de Deus. **A nossa oração é Deus que fala em nós. Somos inseridos no diálogo que é a vida da Trindade.**

Assim, sugiro que esta simples oração da “Ave Maria” é como um pequeno modelo de homilia. Ela proclama a Boa Nova. E, como todas as boas homilias, faz mais do que isso. Não se contenta em dar-nos informações. Ela oferece uma Palavra de Deus, uma palavra que ecoa nas nossas próprias palavras, uma palavra que ultrapassa o nosso silêncio e nos dá voz.

Uma oração para a casa e uma oração para o caminho. O Rosário é uma oração que constrói uma comunidade e, ao mesmo tempo, que nos empurra para o caminho. Precisamos de lugares onde nos sintamos em casa, com os nossos irmãos e irmãs. E, ao mesmo tempo, como pregadores itinerantes, não podemos parar durante muito tempo. Somos contemplativos e activos. Deixem-me explicar como a “Ave Maria” é marcada por esta tensão.

Pensemos nas grandes pinturas da Anunciação. Em geral, apresentam-nos uma cena doméstica. O anjo foi a casa de Maria. Ela está lá, no seu quarto, geralmente a ler. Ao fundo, há muitas vezes um tear ou uma vassoura encostada à parede. No exterior, um jardim. É aqui, na sua casa, que começa a história. E com razão, pois a Palavra de Deus faz a sua casa entre nós. Deus vem montar a Sua tenda entre nós.

Em certa medida, **o Rosário é muitas vezes a oração da casa e da comunidade.** Tradicionalmen-



Anunciação do anjo, através da qual Deus vem fazer a Sua morada em Maria.

“ **A saudação do anjo não deixa Maria imóvel em sua casa. O anjo vem perturbar a sua vida doméstica. Ela é empurrada para um caminho que a levará a casa de Isabel, a Belém, ao Egito, a Jerusalém.** ”

te, era rezado todos os dias nas famílias e nas comunidades. A partir de meados do século XVI, foram criadas confrarias do Rosário para o rezar em conjunto. É por isso que o Rosário está profundamente associado à comunidade, uma oração que partilhamos com os outros.

Todavia, **a saudação do anjo não deixa Maria imóvel em sua casa. O anjo vem perturbar a sua vida doméstica.** (...) Ela é empurrada para um caminho que a levará a casa de Isabel, a Belém, ao Egito, a Jerusalém. Esta viagem conduzi-la-á à ruptura do seu coração, ao pé da cruz. Este ca-

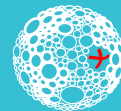
minho conduzi-la-á finalmente ao céu, à glória.

O Rosário é, por isso, também a oração daqueles que viajam, dos peregrinos. Aprendi a amar o Rosário precisamente como uma oração para as minhas viagens. É uma oração para os aeroportos e os aviões. É uma oração que rezo muitas vezes quando aterro num lugar novo, quando me interrogo sobre o que lá vou encontrar e o que tenho para oferecer. É uma oração para o levantar voo, para agradecer tudo o que recebi dos irmãos e irmãs. É uma oração de peregrinação.

Penso que a estrutura do caminho de Maria marca o Rosário de duas maneiras. Está presente nas palavras de cada “Ave Maria”; e está presente no percurso dos mistérios do Rosário.

A. AVE-MARIA

A história do indivíduo. Cada “Ave Maria” evoca o caminho pessoal que cada um de nós deve percorrer, do nascimento à morte. É marcada pelo ritmo biológico de cada vida humana. Aponta para



os três únicos momentos da nossa vida de que podemos ter a certeza absoluta: nascemos, vivemos agora e morreremos um dia. Começa com o início de toda a vida humana, a concepção no ventre materno; coloca-nos no presente, em que pedimos a Maria as suas orações; e tem em conta a morte, a nossa morte. É uma oração incrivelmente física. É marcada pelo inevitável drama corporal de todo o ser humano que nasceu e tem de morrer. (...)

Nós somos seres físicos, corporais. O caminho que cada um de nós deve percorrer é, antes de mais, físico, biológico, e que nos guia desde o ventre da nossa mãe até ao túmulo. É neste espaço temporal que encontramos Deus e a salvação. Esta oração simples ajuda-nos neste caminho.

1. A concepção. As palavras do anjo prometem a fecundidade, fecundidade à virgem e à mulher estéril. **A bênção de Deus torna-nos fecundos.** Cada um de nós, pelo

seu nascimento individual, é fruto de ventres abençoados. Creio que a bênção prometida pelo anjo assume sempre a forma de fecundidade em cada vida humana. É a bênção de novos começos, a graça da frescura. Talvez tenhamos sido feitos à imagem e semelhança de Deus porque participarmos na Sua criatividade. Somos Seus parceiros na criação e recriação do mundo. O exemplo mais dramático e mais miraculoso é o nascimento de uma criança. Mas, mesmo nós os homens que não vivem este milagre, também somos abençoados pela fertilidade. Quando enfrentamos a esterilidade, a aridez, a futilidade, Deus vem com uma palavra fértil. **Sempre que Deus Se aproxima de nós, é para nos tornar criativos, para nos transformar, para nos renovar, quer seja no cultivo da terra, na plantação e na sementeira, quer seja na arte, na poesia, na pintura.**

“Bendito é o fruto do teu ventre.” Talvez a melhor maneira de pregar

o milagre desta fertilidade seja a arte, a pintura, o canto, a poesia, porque são modestas participações dessa mesma bênção, dessa infinita fertilidade de Deus.

2. O agora. O Rosário evoca também um outro momento, não apenas o do nascimento, mas o momento actual: “Rogai por nós, pecadores, agora.” Agora é o momento presente da peregrinação da nossa vida, em que temos de continuar, sobreviver, na nossa caminhada para o Reino. É interessante que este momento presente, seja considerado como um tempo em que nós, pobres pecadores, precisamos de compaixão. (...) O presente é um momento em que precisamos de compaixão, de misericórdia. Na Capela Sistina há um fresco do Juízo Final e nele um homem é retirado do purgatório por um Anjo do Rosário.

O presente é o tempo em que temos de sobreviver, sem sabermos quanto tempo teremos de esperar pelo Reino. Há alguns anos, um Dominicano americano regressou à China. Quando lá chegou, encontrou vários grupos de leigos dominicanos que tinham resistido a anos de perseguição e isolamento. A única coisa que mantiveram durante todos estes anos foi a recitação do Rosário em conjunto. Era o seu pão quotidiano da sobrevivência. (...) **O Rosário é a oração para todos os que precisam de coragem para continuar, para vencer o medo. Ele dá-nos a força do peregrino.**

3. Na hora da nossa morte. O último momento da nossa vida corporal é a morte: “Rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte.” Perante a morte, rezamos o Rosário. (...) É a oração que Maria rezará por nós quando estivermos perante a morte. Não estaremos sós.

Lembro-me do meu pai. Durante a Segunda Guerra Mundial, prometeu que, se toda a família sobrevivesse à guerra, ele rezaria o terço todas as noites. Assim, uma das minhas recordações de infância, é a do meu pai, noite após noite, an-



A Visitação a Isabel, de Domenico Ghirlandaio. Museu do Louvre, Paris.

MISSÃO e Espiritualidade

tes do jantar, a passear pela sala de estar, a rezar o Terço. Dava graças, todas as noites, por termos todos sobrevivido a essa ameaça de morte. Uma das últimas recordações que tenho do meu pai é a de alguns momentos antes da sua morte. Já estava demasiado fraco para rezar. Então, a família, a mulher e os seis filhos juntámo-nos à volta do leito e rezámos o Terço por ele. Era a primeira vez que ele não o podia fazer. A sua morte, rodeado por todos nós, foi uma resposta a esta oração que ele tinha repetido tantas vezes: “Rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte.”

T.S. Elliot implora num dos seus poemas: “Rezai por nós agora e na hora do nosso nascimento.” E ele tem razão. Temos de enfrentar estes três momentos da nossa vida: o nascimento, o presente e a nossa morte. Mas em cada instante aspiramos à mesma coisa: um novo nascimento. Aquilo a que aspiramos agora, como pecadores, não é a misericórdia que se contenta

em esquecer o que fizemos, mas a misericórdia que fará das nossas acções também um momento de renascimento, de um novo começo. E, perante a morte, desejamos, uma vez mais, que as palavras do anjo nos venham anunciar uma nova fertilidade, pois toda a nossa vida está aberta à infinita novidade de Deus, à sua frescura inesgotável. O anjo vem uma e outra vez com novos anúncios da Boa Nova.

B. OS MISTÉRIOS DO ROSÁRIO

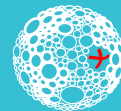
A história da Salvação. Cada “Ave Maria” é, pois, a oração do caminho que cada um de nós deve percorrer, desde o nascimento até

“ “
A nossa vida só tem sentido porque está inserida numa história maior, que vai do princípio ao fim desconhecido, da Criação ao Reino.
” ”

à morte, passando pelo momento presente, pois, em última análise, a nossa vida não tem significado em si mesma, como história privada e individual. **A nossa vida só tem sentido porque está inserida numa história maior, que vai do princípio ao fim desconhecido, da Criação ao Reino.** E este espaço maior é-nos dado pelos mistérios do Rosário, que contam a história da redenção.

Os mistérios do Rosário foram comparados com a *Summa Theologica* de São Tomás. Eles contam, à sua maneira, como tudo vem de Deus e tudo volta para Deus, pois cada mistério do Rosário faz parte de um único mistério, o da nossa Redenção. Como Paulo escreveu aos Efésios, “Ele nos deu a conhecer o mistério da Sua vontade, segundo a benevolência que n’Ele de antemão estabelecera, para conduzir os tempos à sua plenitude: recapitular todas as coisas em Cristo, tudo o que há nos céus e na terra” (Ef 1, 9-10).





Poder-se-ia, portanto, dizer que cada “Ave Maria” representa uma vida individual, com toda a sua história, da vida à morte. Mas todas estas “Ave Marias” estão inseridas nos mistérios do Rosário, tal como as nossas vidas individuais estão inseridas na história maior da redenção. Precisamos de ambas as dimensões, de uma história com dois níveis. Preciso de dar forma e sentido à minha vida, à história única da minha carne e do meu sangue, com os meus fracassos e os meus êxitos. Se não houver lugar para a minha história irrepetível, perder-me-ei na história da humanidade, pois Cristo diz-me: “Hoje estarás comigo no paraíso.” Preciso da “Ave Maria” individual, do meu pequeno drama, perante a minha pequena morte. A minha morte pode não significar muito para a humanidade, mas será muito importante para mim.

No entanto, não basta ficar preso nesse nível meramente pessoal. Tenho de ver a minha vida como parte mais vasta do plano de Deus. Sozinha, a minha história não tem sentido. A minha “Ave Maria” individual tem de encontrar o seu lugar nos mistérios do Rosário. Assim, o Rosário oferece o equilíbrio perfeito de que necessitamos na busca do sentido da nossa vida, tanto individual como comunitária.

C. A REPETIÇÃO

Todo o Rosário é marcado pelo tema do caminho, nosso e da comunidade. (...) Poderia ter insistido noutros aspectos, como os fundamentos bíblicos dos mistérios, pois há uma meditação prolongada sobre a Palavra de Deus nas Escrituras. Mas já disse o suficiente.

Devo, no entanto, responder a uma última objecção. Eu quis evocar a riqueza teológica do Rosário. Mas o facto é que, ao rezar o Rosário, raramente pensamos no que ele é. Não pensamos verdadeiramente na natureza da pregação, nem na história humana e na sua ligação com a história da salvação. Fazemos um grande vazio no nosso espírito. Por vezes, podemos até interrogar-nos porque é que repetimos incessantemente as mesmas



palavras sem pensar nelas. (...)

Muitas religiões têm a marca desta tradição de repetição de palavras sagradas. Tem sido frequentemente referido que **o Rosário é bastante semelhante a algumas formas orientais de oração, e que a repetição constante dessas palavras pode operar uma lenta, mas profunda transformação dos nossos corações.** Uma vez que este facto é amplamente conhecido, não me alongarei mais.

Poder-se-ia também referir que a repetição não é necessariamente um sinal de falta de imaginação. Pode ser o puro prazer exuberante que nos leva a repetir palavras. Se amamos alguém, sabemos que não basta dizer “amo-te” uma só vez. Queremos dizê-lo uma e outra vez, esperando também que a outra pessoa queira ouvi-lo uma e outra vez.

G. K. Chesterton explicou que a repetição é uma característica da vitalidade das crianças, que gostam que lhes contem as mesmas histórias, com as mesmas palavras, vezes sem conta, não por falta de imaginação ou aborrecimento, mas pela alegria de viver. Chesterton escreveu: “Pelo facto de as crianças terem uma vitalidade abundante, elas são espiritualmente impetuosas e livres; por isso querem coisas repetidas, inalteradas. Elas dizem sempre: “Vamos de novo”; e o adulto faz de novo até quase morrer de

cansaço. Pois os adultos não são fortes o suficiente para exultar na monotonia. Mas talvez Deus seja forte o suficiente para exultar na monotonia. É possível que Deus todas as manhãs diga ao sol: “Vamos de novo”; e todas as noites à lua: “Vamos de novo”. Talvez não seja uma necessidade automática que torna todas as margaridas iguais; pode ser que Deus crie todas as margaridas separadamente, mas nunca se canse de criá-las. Pode ser que Ele tenha um eterno apetite de criança; pois nós pecamos e ficamos velhos, e o nosso Pai é mais jovem do que nós. A repetição na Natureza pode não ser uma mera recorrência; pode ser um encore teatral. O céu pode repetir o pássaro que pôs um ovo.” Ou a nossa repetição do Rosário!

É verdade que, ao rezar o Terço, nem sempre se pensa em Deus: pode-se passar horas sem o menor pensamento. Mas celebramos o Senhor que está verdadeiramente connosco. Estamos na Sua presença. Saboreamos as palavras do anjo: “O Senhor é convosco.” **É uma oração da presença de Deus.** E se estivermos num grupo, não temos de pensar nos outros. Como escreveu o Padre Simon Tugwell, OP: “Não penso no meu amigo quando ele está ao meu lado; estou demasiado ocupado a desfrutar da sua presença. É quando ele está ausente que começo a pensar nele. Pensar em Deus leva-nos muito facilmente a tratá-lo como se estivesse ausente. Mas Ele não está ausente.”

Por isso, no Rosário, não tentamos ter pensamentos sobre Deus. Em vez disso, saboreamos as palavras do anjo dirigidas a cada um de nós: “O Senhor é convosco.” Repetimos incessantemente estas mesmas palavras, com a exuberância vital e inesgotável dos filhos de Deus, que se alegram com a Boa Nova. ✨

Frei Timothy Radcliffe, OP

Conferência, em Lourdes, de Frei Timothy, ex-Mestre-geral da Ordem dos Pregadores.

A evangelização como serviço eclesial

Cada um dos baptizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito activo de evangelização e é chamado a buscar novas formas criativas de anunciar e testemunhar o Evangelho.



Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

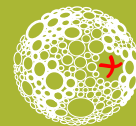
Na última catequese vimos que no primeiro “concílio” na história da Igreja – um concílio como o do Vaticano II – o primeiro concílio, foi convocado em Jerusalém, para resolver uma questão ligada à evangelização, ou seja, ao anúncio da Boa Nova aos não-judeus (pensava-se que só aos judeus se devia levar o anúncio do Evangelho). No século XX, o Concílio Ecuménico Vaticano II apresentou a Igreja como Povo de Deus peregrino no tempo e por sua natureza missionário (cf. Decr. *Ad gentes*, 2). O que é que isto significa? Existe como que uma ponte entre o primeiro e o último Concílio, na questão da evangelização, uma ponte

cujo arquitecto é o Espírito Santo. Hoje, colocamo-nos à escuta do Concílio Vaticano II, para descobrir que **evangelizar é sempre um serviço eclesial, nunca solitário, jamais isolado nem individualista**. A evangelização faz-se sempre *in ecclesia*, isto é, em comunidade e sem fazer proselitismo pois isto não é evangelização.

O evangelizador, com efeito, transmite sempre aquilo que ele mesmo ou ela mesma recebeu. Foi São Paulo que o escreveu primeiro: o Evangelho que ele anunciava e que as comunidades recebiam e no qual permaneciam firmes é o mesmo que o Apóstolo, por sua vez, tinha recebido (cf. *1 Cor* 15, 1-3). Recebe-se a fé e transmite-se

a fé. Este dinamismo eclesial de transmissão da Mensagem é vinculante e garante a autenticidade do anúncio cristão. O próprio Paulo escreve aos Gálatas: «Ainda que fôssemos nós próprios, ou mesmo um anjo do céu a anunciar-vos como evangelho algo diferente daquilo que vos anunciámos como Evangelho, que seja anátema!» (1, 8). Isto é bonito e responde adequadamente a algumas visões que estão na moda...

Por isso, **a dimensão eclesial da evangelização constitui um critério de verificação do zelo apostólico**. Trata-se de uma verificação necessária, porque a tentação de proceder “solitariamente” está sempre à espreita, de modo



especial quando o caminho se torna impérvio e sentimos o peso do compromisso. Igualmente perigosa é a tentação de seguir caminhos pseudo-eclesiais mais fáceis, de adoptar a lógica mundana dos números e das sondagens, de confiar na força das nossas ideias, dos programas, das estruturas, dos “contactos que contam”. Isto não está bem; pode ajudar um pouco, mas **mais fundamental é a força que o Espírito dá para anunciar a verdade de Jesus Cristo, para anunciar o Evangelho**. Os outros aspectos são secundários.

Pois bem, irmãos e irmãs, coloquemo-nos mais directamente na escola do Concílio Vaticano II, relembrando alguns números do Decreto *Ad gentes* (AG), o documento sobre a actividade missionária da Igreja. Estes textos do Vaticano II conservam plenamente o seu valor, até no nosso contexto complexo e plural.

Em primeiro lugar, este documento, AG, convida-nos a considerar o amor de Deus Pai como uma fonte, «criando-nos livremente pela sua extraordinária e misericordiosa benignidade, e depois chamando-nos gratuitamente a partilhar da Sua própria vida e glória. Quis ser, assim, não só criador de todas as coisas, mas também «tudo em todas as coisas» (1 Cor 15, 28), conseguindo simultaneamente a Sua glória e a nossa felicidade» (n. 2). Esta passagem é fundamental, pois diz que o amor do Pai tem como destinatário cada ser humano. O amor de Deus não é apenas por um pequeno grupo, não... para todos. Colocai bem aquela palavra na cabeça e no coração: todos, todos, sem excluir ninguém, assim diz o Senhor. E este amor por cada ser humano é um amor que alcança cada homem e mulher através da missão de Jesus, medianeiro da salvação e nosso Redentor (cf. AG, 3), e mediante a missão do Espírito Santo (cf. AG, 4), o qual, Espírito Santo, age em cada um, tanto nos baptizados como nos não-baptizados. O Espírito Santo age!

Além disso, o Concílio recorda que **a Igreja tem a tarefa de continuar a missão de Cristo**, «que foi

enviado a evangelizar os pobres; por isso – acrescenta o documento *Ad gentes* – a Igreja, movida pelo Espírito Santo, deve seguir o mesmo caminho de Cristo: o caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação própria até à morte, morte de que Ele saiu vencedor pela Sua ressurreição» (AG, 5). Se permanecer fiel a este “caminho”, a missão da Igreja será «a manifestação ou epifania dos desígnios de Deus e a sua realização no mundo e na sua história» (AG, 9).

Irmãos e irmãs, estas breves indicações ajudam-nos também a compreender o sentido eclesial do zelo apostólico de cada discípulo-missionário. **O zelo apostólico não é um entusiasmo, é outra coisa, é uma graça de Deus, que devemos preservar**. Devemos compreender o sentido porque no Povo de Deus peregrino e evangelizador não existem sujeitos activos e passivos. Não há os que pregam, os que anunciam o Evangelho num modo ou noutro, e os que estão calados. Não. **«Cada um dos baptizados – diz a *Evangelii gaudium* – independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito activo de evangelização»** (Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 120). Tu és cristão? “Sim, recebi o Baptismo...” E tu evangelizas? “Mas o que é que isso significa?” Se tu não evangelizares, se tu não testemunhares, se tu não deres aquele

“**Cada um dos baptizados é um sujeito activo de evangelização.**”



testemunho do Baptismo que recebeste, da fé que o Senhor te concedeu, tu não és um bom cristão. Em virtude do Baptismo recebido e da conseqüente incorporação na Igreja, cada baptizado participa na missão da Igreja e, nela, na missão de Cristo Rei, Sacerdote e Profeta. Irmãos e irmãs, esta tarefa «é uma e a mesma em toda a parte, sejam quais forem os condicionalismos, embora difira quanto ao exercício conforme as circunstâncias» (AG, 6). Isto convida-nos a não nos tornarmos escleróticos nem fossilizados; resgata-nos daquela inquietude que não é de Deus. **O zelo missionário do crente manifesta-se também como busca criativa de novas maneiras de anunciar e testemunhar, de novos modos de encontrar a humanidade ferida que Cristo assumiu**. Em síntese, de novas formas de servir o Evangelho e a humanidade. **A evangelização é um serviço**. Se alguém se disser evangelizador e não tiver aquela atitude, aquele coração de servo, e se se considerar patrão, não é um evangelizador, não... é um pobre diabo.

Voltar ao amor fontal do Pai e às missões do Filho e do Espírito Santo não nos fecha em espaços de tranquilidade pessoal estática. Pelo contrário, leva-nos a reconhecer a gratuidade do dom da plenitude de vida a que somos chamados, dom pelo qual louvamos e damos graças a Deus. Este dom não é apenas para nós, mas é para dá-lo aos outros. E leva-nos também a viver cada vez mais plenamente o que recebemos partilhando-o com os outros, com sentido de responsabilidade e percorrendo juntos os caminhos, muitas vezes tortuosos e difíceis da história, na expectativa vigilante e laboriosa do seu cumprimento. Peçamos ao Senhor a graça de assumir esta vocação cristã e de dar graças ao Senhor por aquilo que nos concedeu, por este tesouro. E procurar comunicá-lo aos outros. ✚

Papa Francisco
Praça de S. Pedro,
8 de Março de 2023

Francisco e Jacinta Marto, modelos da Infância Missionária

Crianças no tamanho, adultos na fé. Aprenderam dos seus pais a crescer na fé e nas virtudes humanas e cristãs do respeito pela verdade e pelos demais; na Luz imensa que lhes trouxe a Virgem do Rosário e na entrega incondicional ao seu Coração Imaculado, aprenderam que a reparação, a aceitação e oferta dos sacrifícios, a oração incessante, o amor a Jesus “escondido” e a Sua imitação são “a força renovadora do mundo”.

É dia 13 de Maio de 2000. No recinto do Santuário de Fátima, o Santo Padre João Paulo II, pela primeira vez em dois milénios de história da Igreja, não só reconhece em Francisco e Jacinta Marto a heroicidade das virtudes cristãs nas primeiras crianças não mártires, como também declara a todo o Corpo de Cristo que a santidade pode ser acolhida na pequenez de um “coração infantil, encantado e simples”¹.

Com a sua canonização a 13 de Maio de 2017, nos exemplos dos agora São Francisco e Santa Jacinta é-nos dado compreender que o Espírito Santo suscita e capacita o coração das crianças para o acolhimento generoso do convite de Deus: *Quereis oferecer-vos a Deus?*². Desse modo, podem viver e transformar as suas biografias em bênção e em dom, em favor dos pobres de Deus, em candeias que iluminam o rosto da Misericórdia de Deus através da escuridão da História.

Crianças profetas. Francisco Marto nasceu no dia 11 de Junho de 1908, em Aljustrel (Fátima), e a sua irmã Jacinta Marto nasceu também no mesmo lugar, sensivelmente dois anos depois, a 5 de Março de 1910. Tinham respectivamente 8 e 7 anos de idade quando, juntamente com sua prima Lúcia, de 10 anos, foram visitados pela Mãe de Deus. Impelidos pela Beleza e Luz que a envolvia, com a candura e limpidez própria do coração das crianças, abraçaram a ternura e o carinho maternal da Virgem Santa como modelo dos pequenos e dos pobres, e escutaram dela o convite a serem, à semelhança do jovem



O Espírito Santo suscita e capacita o coração das crianças para o acolhimento generoso do convite de Deus, como o fez com os Pastorinhos.

Jeremias, constituídos profetas para as nações, a testemunhar a Esperança que viram surgir no meio das ruínas que a humanidade construiu para si mesma.

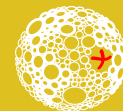
O testemunho de Francisco e Jacinta deve desafiar a Igreja Universal à conversão, pelo modo como cada um deles “contemplou, assimilou e reflectiu a Imagem de Cristo”³, pelo modo como cada um deles, na docilidade e mansidão, permitiu que o desejo ardente de Jesus gravasse a fogo nos seus corações o palpitar do zelo missionário pela Aliança de Deus com os homens e mulheres de todos os lugares e de todos os tempos.

Contemplação e compaixão, força da missão. A santidade de Francisco e Jacinta são para nós reflexo de como a imitação da Virgem Maria, o confiar-se a ela pelo caminho das contas do Rosário até à plenitude de Cristo⁴ faz brotar frutos de conversão, de paz, de vida.

À medida que as crianças se

iam adentrando no Mistério de Deus aumentava a sua consciência da gravidade do pecado e das suas consequências, assim como o carácter urgente do resgate dos corações, para Deus, de um mundo em discórdia, ou seja, sem coração⁵. O convite feito em Fátima é um convite a colocar a vida, de joelhos, diante de Deus na adoração, na oração, e a receber das Suas mãos, na consciência profunda de sermos criaturas diante do Criador, de filhos muito amados do Pai, de viver na contemplação do Mistério de Cristo e na atenção ao mistério do Homem⁶, de olhar a humanidade com o olhar compassivo de Deus.

O Francisco optava preferencialmente pela solidão da Serra de Aire ou da Igreja Paroquial, onde alimentava e “consumia” a sua vida nas longas horas de contemplação e adoração a Jesus “escondido”. Consolar Deus, tão triste e sofredor com a humanidade que sofre, converte-se no centro da sua vida, no objecto das suas escolhas e



opções: “Nós estávamos a arder, naquela luz que é Deus, e não nos queimávamos. Como é Deus!!! Não se pode dizer! Isto sim, que a gente nunca pode dizer! Mas que pena Ele estar tão triste! Se eu o pudesse consolar!...”⁷

Também na pequena Jacinta se tornou evidente um forte desejo de Deus e de estar na presença de Jesus Eucaristia, que, em ambos, se reflectia tantas vezes pela perseverança e fidelidade face ao sofrimento na doença, nas contrariedades e até no cárcere: “Se nos matarem, como dizem, daqui a pouco estamos no Céu! Mas que bom! Não me importa nada.”⁸

A pastorinha Jacinta assumiu, com seriedade invulgar, para uma criança da sua idade, a preocupação de apascentar e reconduzir as ovelhas de volta ao redil do Bom Pastor. Pastora porque no seu peito ardia o fogo da compaixão pelos pobres pecadores, porque intensamente amava por todos aqueles que não amam, esperava o alívio dos sofrimentos e a salvação para todos os que desistem de Deus como sentido e fim último da existência: “Se eu pudesse meter no coração de toda a gente o lume que

tenho no peito, a fazer-me gostar dos corações de Jesus e de Maria”.⁹

O ardor missionário consumia de forma especial a pequena Jacinta já na recta final da sua doença que a levaria para o céu com apenas nove anos. Aceita com uma profunda e verdadeira alegria as dores excruciantes das intervenções cirúrgicas e a solidão, o afastamento daqueles a quem mais amava porque sabia em quem tinha confiado



Crianças da Infância e Adolescência Missionária a rezar o Terço, na Capelinha das Aparições, em Fátima.

a sua vida¹⁰, e nela todos os mais pobres, mais esquecidos, e os que mais se esquecem de Deus.

Desde pequeninos que os pastorinhos, no seio da sua vida familiar, aprenderam dos seus pais a crescer na fé e nas virtudes humanas e cristãs do respeito pela verdade e pelos demais, mas, na Luz imensa que lhes trouxe a Virgem do Rosário e na entrega incondicional ao seu Coração Imaculado, o Francisco e a Jacinta aprenderam que a reparação, a aceitação e oferta dos sacrifícios, a oração incessante, o amor a Jesus “escondido” e a Sua imitação são “a força renovadora do mundo”.¹¹

Num mundo que se fascina pelas luzes do poder, da autossuficiência, da fama e do sucesso, as vidas do Francisco e da Jacinta apresentam-se-nos como modelo de como a pequenez e a candura, a simplicidade e a pureza, um coração que se deixa imacular¹² pelo Imaculado Coração triunfa sobre o pecado e as suas consequências, porque o Coração Imaculado é um Coração missionário.¹³ ✦

Isabel Santos
Aliança de Santa Maria

NOTAS

¹ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Com Francisco e Jacinta Marto, Chamados a sermos santos na caridade.” in Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa por ocasião da canonização de Francisco e Jacinta Marto, Secretariado Geral da CEP, Torres Novas, Maio, 2017, 4.

² Cf. “Memórias da Irmã Lúcia I”. Secretariado dos Pastorinhos, Fátima, 2007, 173.

³ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “Com Francisco e Jacinta Marto, Chamados a sermos santos na caridade.” in Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa por ocasião da canonização de Francisco e Jacinta Marto, Secretariado Geral da CEP, Torres Novas, Maio, 2017, 4.

⁴ Cf. Ef 4, 13

⁵ GOMES, PEDRO VALINHO, “Do rosário, oração cordial. Exercício espiritual de encher o coração com as feições do Cristo”. In *O meu Imaculado Co-*

ração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus, Itinerário do Centenário das Aparições de Fátima, 7º ciclo. Fátima, 2017, 125.

⁶ COELHO, ÂNGELA DE FÁTIMA, *O coração que se confia em Fátima*. In Fátima XXI, Revista Cultural do Santuário de Fátima, Vol 7, SNSRF, Fátima, 2017.

⁷ Cf. “Memórias da Irmã Lúcia I”. Secretariado dos Pastorinhos, Fátima, 2007, 145.

⁸ Cf. “Memórias da Irmã Lúcia I”. Secretariado dos Pastorinhos, Fátima, 2007, 146.

⁹ Cf. “Memórias da Irmã Lúcia I”. Secretariado dos Pastorinhos, Fátima, 2007, 130.

¹⁰ Cf. 2 Tim 1, 12

¹¹ “Parece-me que o nosso maior erro é o de pensarmos que só as grandes ações económicas e políticas podem transformar o mundo, é a tentação – mesmo entre os cristãos – de pensar que a oração não tem muito valor e,

portanto, perde-se a interioridade. Ora, aqui em Fátima ouvimos falar de coisas escondidas conversão, oração, penitência – que parecem não ter nenhuma importância política, mas são as coisas decisivas, são a força renovadora do mundo” (J. RATZINGER, RR, *Cartas na mesa*, 12 outubro 1996).

¹² Cf. GOMES, PEDRO VALINHO, “Do rosário, oração cordial. Exercício espiritual de encher o coração com as feições do Cristo”. In *O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus, Itinerário do Centenário das Aparições de Fátima*, 7º ciclo. Fátima, 2017, 132.

¹³ Cf. GOMES, PEDRO VALINHO, “O bispo, os peregrinos e a capela: desafios eclesiológicos a partir da simbólica de Fátima”. Conferência em *O acontecimento Fátima: curso interdisciplinar (extensão)*, Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa – Serviço de Estudos e Difusão do Santuário de Fátima, 2017.

Documento do Papa Francisco sobre a juventude

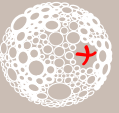


O Papa Francisco marcou a festa da Anunciação em 2019, com o lançamento da exortação apostólica *Christus Vivit* (Cristo Vive), que é o fruto da escuta e do discernimento feito durante o Sínodo dos Bispos de Outubro de 2018, centrado no tema: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”.

O documento tem nove capítulos, que seguem de perto o método pastoral do “ver, julgar, agir” ou, no contexto dos bispos asiáticos, do “diálogo, discernimento, acções”. Sucintamente apresentados, os três primeiros capítulos apresentam “observações” (bíblicas, teológicas, sociológicas); os três capítulos do meio oferecem uma “avaliação” (espiritual, relativa ao desenvolvimento, geracional); e os três últimos capítulos centram-se na “acção” (pastoral, missionária, sinodal). No seu conjunto, *Christus Vivit* constitui uma *magna carta* para a pastoral juvenil.

Ênfases cristológicas. Vários temas interessantes emergem de uma análise abrangente deste longo documento (mais de 100 páginas). Há uma clara ênfase em Cristo; o Papa Francisco afirma: “Cristo vive: é Ele a nossa esperança e a mais bela juventude deste mundo! Tudo o que toca torna-se jovem, fica novo, enche-se de vida. Por isso as primeiras palavras, que quero dirigir a cada jovem cristão, são estas: Ele vive e quer-te vivo!” (1).

“Está em ti, está contigo e jamais te deixa. Por mais que te possas afastar, junto de ti está o Ressuscitado, que te chama e espera por ti para recomeçar. Quando te sentires envelhecido pela tristeza, os rancores, os medos, as dúvidas ou os fracassos, Jesus estará a teu lado para te devolver a força e a esperança” (2). A Igreja não deve estar “demasiado debruçada sobre



si mesma, mas procure sobretudo reflectir Jesus Cristo” (39). “Em Jesus, todos os jovens [aliás, todos] se podem rever” (31).

A Igreja: uma comunidade aberta. Que visão da Igreja emerge da *Christus Vivit*? O Papa Francisco explora a relação entre os jovens e todo o Povo de Deus, tanto os pastores como os fiéis. Não existe uma “Igreja dos jovens” separada ou uma “Igreja com os jovens e para os jovens”. Existe uma única comunidade, a Igreja – e os jovens são membros vivos e criativos deste único corpo.

O Papa Francisco realça a importância da sinodalidade (caminhar juntos) na Igreja. Todos os segmentos da Igreja (jovens, idosos, leigos, ministros ordenados, religiosos, casados, etc.) devem colaborar na construção de um futuro melhor – tanto na Igreja como na sociedade em geral.

O Papa fala também sobre questões específicas. Por exemplo, ele convida toda a Igreja a estender a mão aos imigrantes, seguindo uma abordagem equilibrada desta, frequentemente polémica, questão. Também incentiva os jovens a partilharem, através dos meios de comunicação social, a beleza da sua experiência pessoal de encontro com Cristo, uma via importante para a edificação da Igreja de Cristo.

Visões do Evangelho. O Papa Francisco explora a Escritura nesta carta pastoral, escrita “com afecto” (3). Ele escreve que no “*Evangelho de Mateus*, aparece um jovem (cf. *Mt* 19, 20.22) que se aproxima de Jesus desejoso de mais (cf. 19, 20), com aquele espírito aberto típico dos jovens, que buscam novos horizontes e grandes desafios. Na realidade, o seu espírito já não era assim tão jovem, porque se apegara às riquezas e comodidades. Com a boca, dizia querer algo mais, mas, quando Jesus lhe pede para ser generoso e distribuir os seus bens, deu-se conta de que não era capaz de desprender-se do que possuía. (...) Renunciara à sua juventude” (18).

O *Evangelho de Mateus* (25, 1-13) “fala-nos também dalgumas jovens prudentes que estavam prontas e vigilantes, enquanto outras viviam distraídas e adormentadas”. O Papa observa: “Com efeito, é possível transcorrer a própria juventude distraído, planando à superfície da vida, dormindo, incapaz de cultivar relações profundas e entrar no coração da vida; deste modo, porém, prepara-se um futuro pobre, sem substância. Ou, pelo contrário, pode-se gastar a juventude cultivando coisas nobres e grandes e, assim, preparar um futuro cheio de vida e riqueza interior” (19).

Reflexões finais. Apresentado num estilo único, expressando proximidade, franqueza, simplicidade, ternura e calor, o Papa Francisco em *Christus Vivit* está a suscitar a nossa resposta pessoal. Com audácia pastoral, ele convida todos

os membros da Igreja a tornarem-se uma Igreja servidora, que não se cala nem tem medo de falar sobre as questões fundamentais que o mundo de hoje enfrenta; isto significa promover uma comunidade humilde, que escuta, particularmente as ideias dos jovens.

O Papa Francisco pede a todos que se voltem para Maria como “o grande modelo para uma Igreja jovem, que deseja seguir Cristo com frescor e docilidade” (43). E adverte que não poderemos enfrentar estes muitos desafios nem conhecer a verdadeira plenitude de ser jovem, sem Jesus: “se não te encontrases cada dia com o grande Amigo, se não viveres na amizade de Jesus” (151). Obviamente, o Papa Francisco está a falar com o seu coração, convidando-nos a esforçarmo-nos por ser discípulos-missionários de “coração aberto”!

P.^e James Kroeger, MM

“**O Papa Francisco realça a importância da sinodalidade (caminhar juntos) na Igreja. Todos os segmentos da Igreja (jovens, idosos, leigos, ministros ordenados, religiosos, casados, etc.) devem colaborar na construção de um futuro melhor – tanto na Igreja como na sociedade em geral.**”

O P.^e James é um missionário Maryknoll Americano, que trabalhou na Ásia (Filipinas e Bangladesh) durante mais de cinco décadas. Recentemente, concluiu um novo livro, *Walking with Pope Francis: The Official Documents in Everyday Language*, uma síntese-popularização de dez dos principais documentos do Papa Francisco de 2013-2022; o livro foi publicado pelas paulinas nas Filipinas.



Papa Francisco, durante a Via-Sacra, no Parque Eduardo VII, em Lisboa 2023.

Mártires em Moçambique

A Igreja moçambicana é uma pátria de heróis, de mártires. Os mais conhecidos, em âmbito eclesial, são a Serva de Deus Luísa Mafu e companheiros – conhecidos como os ‘Mártires do Guiúa’ – e os Servos de Deus padre João de Deus Kamtedza e padre Sílvio Alves Moreira – os ‘Mártires de Chapotera’ – mortos por defenderem o povo injustiçado.

Sou missionário em Moçambique desde 1992. Cheguei como seminarista e agora sou bispo da diocese de Tete. Sempre missionário, ontem como hoje, em tantos e diferentes lugares. Desde a primeira hora me senti em casa, bem acolhido e inserido nesta Igreja local que tem grandes vínculos históricos e culturais com Portugal.

Quando cheguei, Moçambique tinha apenas 17 anos de nação independente e acabava de sair de uma profunda guerra civil que tinha feito muitas vítimas e produzido muito sofrimento.

Moçambique celebra para o ano 50 anos de independência, mas a paz ainda não é total e efectiva. A violência continua hoje, sobretudo na província de Cabo Delgado, e faz os seus mártires. A Igreja moçambicana é uma pátria de heróis, de mártires. Os mais conhecidos, em âmbito eclesial, são a Serva de Deus Luísa Mafu e companheiros – conhecidos como os ‘Mártires do Guiúa’ – e os Servos de Deus padre João de Deus Kamtedza e padre Sílvio Alves Moreira – os ‘Mártires de Chapotera’.

O grupo dos catequistas ‘Mártires do Guiúa’ era constituído por 24 moçambicanos, que foram mortos quando se encontravam no Centro Catequético do Guiúa, na Diocese de Inhambane. O grupo participava num curso de formação de longa duração para famílias de catequistas. Morreram no dia 22 de Março de 1992. Decorriam então os últimos meses de uma guerra fratricida que devastava Moçambique. O país tentava emergir de um



Santuário dos Mártires de Guiúa, na Diocese de Inhambane.

longo período de conflito, de trevas e provações. Confiante de que as conversações em curso em Roma, para alcançar a paz iriam pôr fim à guerra, a Diocese de Inhambane decidiu reabrir o Centro Catequético do Guiúa para a formação de famílias de catequistas. Três dezenas de pessoas, escolhidas em diferentes missões acabavam de chegar, quando na madrugada de 22 de Março de 1992, um grupo de homens armados, atacou o Centro Catequético e raptou a maior parte das famílias. Foram conduzidos à força para a base de onde vinham os invasores. Pelo caminho, o grupo de 24 catequistas e familiares foram brutalmente chacinados à baioneta. Testemunharam a sua fé com o sangue. Os seus corpos foram transportados e sepultados no Centro Catequético, no local onde está actualmente o Santuário Diocesano de Inhambane.

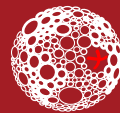
A missão dos catequistas mártires do Guiúa, abruptamente interrompida a 22 de Março de 1992, continua viva. A sua memória e o seu exemplo ecoam ainda e sempre no silêncio da brisa eterna da colina do Guiúa.

Os Servos de Deus padre João de Deus Kamtedza e padre Sílvio Moreira, ‘Mártires de Chapotera’,

são imagem e exemplo de Jesus, o Bom Pastor que “dá a vida pelas Suas ovelhas”. “Vale a pena dar a vida” foi a razão de vida e da morte de dois valorosos missionários jesuítas, em Angónia-Tete. O Padre João de Deus Kamtedza era moçambicano e o Padre Sílvio Moreira era português. Viveram e morreram a dar a vida. Ambos sentiam como seus os sofrimentos e as esperanças do povo da Angónia, onde viviam como missionários. “Quem cala consente”. Eles manifestaram-se, a alto e bom som, e com o tom da paz, contra as injustiças, vinganças e arbitrariedades, em defesa do povo inocente.

A 30 de Outubro de 1985, foram barbaramente assassinados, em Chapotera, entre a Missão de Lifidzi e a Missão de Chabwalo, na Angónia. Mártir significa testemunha. Os dois padres testemunharam corajosamente, em nome de Cristo, que a vida humana é sagrada, que o pobre e o fraco têm que ser defendidos, que a vingança arbitrária não pode ser lei, mas que só o amor, o perdão e a fraternidade devem triunfar. ✦

D. Diamantino Antunes
Missionário da Consolata
Bispo de Tete, em Moçambique



O exímio falsificador



Ilustração por Ana Romão

Os turistas que, a partir de Lima, no Peru, desciam à selva, tinham fome de recordações para levarem para casa. Procuravam artefactos antigos, pedras preciosas, objectos de latão e admiravam extasiados as obras que lembravam as antigas civilizações da Cordilheira e não só. Um dia, o Padre Alois decidiu pregar uma partida a um turista que insistia em encontrar artefactos autênticos.

Quando ele era jovem, tinha aprendido a arte de trabalhar a prata e decidiu dar-lhe um bom uso. A partir de uma velha e grande moeda de prata, fez uma pequena pulseira na qual gravou alguns sinais ao acaso, bem feitos. Depois,

enterrou-a e esperou durante um ano pelo regresso do “caçador de tesouros”.

No seu regresso, apresentou-lhe a pulseira esverdeada e suja de terra. O turista abriu os olhos de espanto e exclamou: “Que maravilha! Que trabalho requintado! Estou certo de que os sinais nos remetem para além da antiga cultura Inca, talvez para uns 3.000-4.000 anos atrás.”

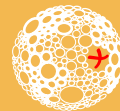
Sem caber em si, perguntou ao missionário: “Estarias disposto a privar-te desta obra de arte? Quanto pedirias por ela?” Simulando uma indiferença que não provinha de uma consciência tranquila, o P. Alois respondeu: “Quanto é que

eu quero?... Dá o que achares por bem!” Assim, a falsa obra-prima rendeu à missão uma soma considerável de dinheiro. ✦

Padre Neno Contran
Missionário Comboniano

Muito obrigado a todos os que nos enviam os seus donativos, para as Obras Missionárias Pontifícias (OMP). Todos os dias, às 5 horas da tarde, na Basílica de S. Pedro, em Roma, é rezada uma Eucaristia por vós e pelas vossas intenções, colaboradores/as das OMP.

CONHECE QUEM ESTARIA INTERESSADO EM RECEBER AS NOSSAS PUBLICAÇÕES?
ENVIE-NOS A SUA MORADA POSTAL E /OU O SEU E-MAIL. OBRIGADO!



Novo Guião Missionário

O **Guião Missionário** para o ano pastoral de 2024-2025 está a ser impresso, esperando que possamos começar a distribuí-lo a partir da segunda quinzena de Junho – assim como os cartazes do Dia Mundial das Missões, o *Guião da Infância e Adolescência Missionária*, os Mealheiros Missionários e o Pai Nosso Missionário.

O **Guião** continua a ter um formato de bolso, mas terá mais páginas de texto: 176. Como no ano passado, está organizado em três capítulos: reflexões, celebrações

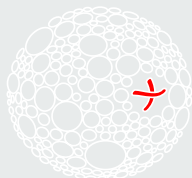
e orações. As duas grandes novidades deste ano são as **reflexões bíblico-missionárias para cada Domingo e festa maior do ano litúrgico** (de Outubro de 2024 a Outubro de 2025) e uma **proposta de celebração para a adoração**.

O **Guião** foi concebido e realizado para nos acompanhar ao longo do ano e nos ajudar a reflectir, celebrar e rezar, neste que é o Ano de Oração em preparação para o Jubileu de 2025.

Para obtê-lo podeis pedi-lo directamente a nós, aos Institutos Missionários e às dioceses.

É um subsídio muito rico. Pedimos por ele uma oferta mínima de 1.50 euro. Vereis que vale bem a pena comprá-lo e até oferecê-lo aos familiares e amigos!

Obrigado por nos ajudardes a fazê-lo chegar a todos!



FICHA TÉCNICA

DIRECTOR

P. José António Mendes Rebelo

MISSÃOZINHA OMP

Anna Kudelska

PROPRIEDADE E EDIÇÃO

Direcção Nacional de Propagação da Fé

SEDE, REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Ilha do Príncipe, 19

1170-182 LISBOA

Tlf: (+351) 21 814 84 28

Email: missio.omp@gmail.com

NIPC: 501132619

Homepage: <https://www.opf.pt/>

ESTATUTO EDITORIAL

<https://www.opf.pt/missao-omp>

Depósito Legal N° 192499/03

NIPC 501 132 619 • I.S.S.N. – 1647 – 9203

Registo na ERC n° 104247

IMPRESSÃO: Jorge Fernandes

Rua Quinta do Conde de Mascarenhas, 9

2820-652 Charneca da Caparica

<https://www.jorgefernandes.pt/>

TIRAGEM: PDF para web

Preço Capa: 0,01 €

FOTOGRAFIA:

Lusa; Arquivo OMP; João Fernandes



No momento de fazer o seu testamento, pense na Igreja!

Se não tem familiares próximos e tem dúvidas a quem deixar os seus bens, pode contemplar a ideia de legar parte deles para ajudar as Igrejas mais jovens e pobres noutros continentes. Nesse caso, pode fazer o seu testamento à Obra da Propagação da Fé – o nosso nome oficial – especificando a Obra a que se destina: Obra da Propagação da Fé, Obra da Infância Missionária, Obra de S. Pedro Apóstolo, ou Obra da União Missionária Pontifícia. A sua ajuda será canalizada para Roma, para o fundo de solidariedade universal com que o Santo Padre ajuda as novas Igrejas. O seu gesto assegura-lhe a gratidão e a oração da Igreja missionária.

Como ajudar a Igreja Universal através das OMP?

O nosso número de conta, NIB e IBAN, para a transferência de fundos é o seguinte:

Obra da Propagação da Fé

Banco Millennium-BCP

N° Conta: 23521434

NIB: 0033 0000 0002 3521 434 05

IBAN: PT 50 0033 0000 0002 3521 434 05

Pedimos que as ofertas para a Obra da **Infância e Adolescência Missionária** sejam enviadas para a conta do Banco Invest, com o seguinte **IBAN**:

PT 50 0014 0000 0519124710146

Agradecemos que os doadores nos contactem para nos darem o seu NIF e direcção, de modo a que possamos mandar-lhes o recibo para efeitos de IRS.

Donativos por MBWAY

Obras Missionárias Pontifícias

[910 281 248]

As Obras Missionárias Pontifícias são uma rede de oração, informação, solidariedade e partilha com a Igreja Missionária.